

O e-grupo como ferramenta de interação na formação continuada de professores da educação básica

Ana Paula Domingos Baladeli¹

¹UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Colegiado do Curso de Pedagogia
Rua Universitária, 2069, sala 72. Jardim Universitário.
Caixa Postal 711 - CEP 85819-110 Cascavel, PR.

annapdomingos@yahoo.com.br

***Resumo.** O propósito desta comunicação é apresentar um recorte de experiência formativa com um grupo de professores de Inglês da educação básica de Cascavel para o uso pedagógico da Internet. O curso de extensão foi realizado por meio de atividades teórico-práticas presenciais e a distância mediadas pelo uso da ferramenta colaborativa e-grupo. Os resultados apontaram que os professores têm poucas oportunidades sistemáticas via cursos de formação continuada para conhecer as potencialidades da informática em sua área de atuação. Além disso, os resultados revelaram que para a efetiva exploração de tecnologias na educação torna-se emergente reavaliar criticamente as metodologias de ensino bem como as vantagens e desvantagens na utilização de tecnologias na construção de conhecimento. Acreditamos que esta reflexão crítica pode ser alcançada via formação continuada dos professores por meio de espaços em que a teoria e prática estejam articuladas.*

1. Introdução

A discussão acerca da informática na educação se insere no bojo das investigações em educação e em ciências sociais como um tema controverso e ainda recente na prática pedagógica de grande parte dos professores. Em um cenário cada vez mais mutável, a inserção na educação de tecnologias como o computador e a Internet levanta a questão sobre uma abordagem adequada para o uso dessas ferramentas bem como a formação requerida do profissional de educação para a apropriação crítica de tecnologias (VALENTE, 1999; ALTOÉ, 2001; BRAGA, 2004).

Conforme Valente, (1999) a inserção de tecnologias na educação precisa ser precedida pela mudança de atitude do professor, este que passa a ser compreendido como um orientador em uma perspectiva construcionista. Nessa perspectiva “[...] o papel do professor deixa de ser o de ‘entregador’ de informação, e passa a ser o de facilitador do processo de aprendizagem” (VALENTE, 1999, p. 18). Assim, o aprendiz deixa de ser

passivo ou o receptáculo da informação e assume uma posição central no processo de construção de conhecimento mediado pelo professor.

Ainda conforme Valente (1999), a mudança na educação para o uso das ferramentas da informática precisa estar fundamentada em atitudes comprometidas do professor e de demais profissionais da educação. Para isso, torna-se necessário superar o paradigma da educação tradicional e tecnicista que enfatiza a transmissão de conhecimento e viabilizar situações práticas em que o computador e demais tecnologias sejam explorados pelo aprendiz, o que demandaria a adoção de uma outra perspectiva de educação (VALENTE, 1999, ALTOÉ, 2001).

Dessa forma, a teoria construcionista de Papert (1988; 2008) nos oferece alternativas para a reflexão a respeito do papel desempenhado pela escola no contexto atual em que os paradigmas de ensino não possibilitam aos aprendizes integrarem-se ativamente no seu processo de aprendizagem. Segundo Papert (2008), a escola muitas vezes impede que o aprendiz desenvolva a sua criatividade, isso porque, com modelos estanques de ensino o aprendiz não encontra oportunidades de desenvolver-se e engajar-se em atividades de desafiadoras e de seu interesse.

O construcionismo como abordagem educacional fundamenta-se na necessidade de a escola criar condições para que o aprendiz construa conhecimento por meio da descoberta e de situações desafiadoras que o motivem a participar ativamente das atividades, levantando hipóteses e criando estratégias para conhecer o objeto com o qual interage (ALTOÉ, 2001). Em específico no que se refere ao ensino de línguas estrangeiras, pesquisas de (PAIVA, 2001, 2010; BRAGA, 2004) enfatizam que o uso pedagógico dos recursos disponíveis na *web* no ensino de Língua Inglesa no processo de construção de conhecimento do aprendiz já que possibilitam o acesso a uma variedade de recursos como dicionários, hipertextos e jogos pedagógicos que favoráveis ao contato com o idioma. Os recursos da *web*, interface gráfica da Internet, possibilitam ainda a interação do aprendiz *na e pela* língua estrangeira em diferentes situações reais de uso, além disso, permite também a divulgação de projetos colaborativos e produções dos próprios aprendizes em diferentes sites.

No contexto da educação básica, o propósito do ensino de Língua Inglesa conforme os pressupostos das Diretrizes Curriculares Estaduais (PARANÁ, 2008) é possibilitar por meio de práticas pedagógicas contextualizadas que o aprendiz conheça a cultura e a língua que estuda nas diferentes manifestações sociais. Diante disso, pensar o uso da Internet em uma abordagem de educação que permita o desenvolvimento da autonomia e amplie as oportunidades para a aprendizagem do idioma tornam-se mais um desafio para o professor.

Sendo assim, o ensino de Inglês precisa fundamentar-se em alternativas metodológicas que proporcionem a realização de atividades dinâmicas e colaborativas que desafiem os aprendizes a pesquisarem e a interagirem cada vez mais com o idioma (BRAGA, 2004; RAPAPORT, 2008). O uso de jogos interativos bem como a realização de pesquisas na *web* pode favorecer nesse aspecto uma vez que além de aumentarem o acesso a

conteúdos diversos, podem representar uma alternativa para aproveitar o interesse dos aprendizes na *web* orientando-os para possíveis aspectos pedagógicos.

Ainda a esse respeito, o ensino uma língua estrangeira requer além do domínio das quatro habilidades; ler, falar, escrever e ouvir, o aperfeiçoamento constante do professor no idioma tendo em vista que novos desafios surgem decorrentes da divulgação da Língua Inglesa como língua franca. Conforme (SALLES, GIMENEZ, 2010) conceber a Língua Inglesa como língua franca implica deslocar o idioma como pertencente exclusivamente aos Estados Unidos e à Inglaterra e considerá-lo como idioma global utilizado por pessoas de diferentes países. Na concepção de Língua Inglesa como língua franca o modelo de falante ideal é substituído pela necessidade de inteligibilidade nas práticas sociais (SALLES, GIMENEZ, 2010).

Acreditamos que tanto o professor quanto o aprendiz podem beneficiar-se da *web* como uma fonte de informação e um canal de interação já que o uso desta nas diferentes atividades e setores da sociedade tem sido cada vez mais adotado. Além disso, a criação de novos espaços comunicacionais na *web* oferece acesso a modelos de discursos autênticos produzidos e veiculados nas práticas sociais (PAIVA, 2010).

Todavia, a criação de espaços alternativos para o acesso à informação requer novas práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento da criatividade e da colaboração (PAPERT, 2008). Sendo assim, o uso da Internet como ferramenta de aprendizagem requer práticas de ensino adequadas e específicas que considerem os limites e as possibilidades da tecnologia, o que irá requerer do professor uma outra postura em face ao processo de ensino e aprendizagem. Conforme (ALTOÉ, 2001; BRITO, PURIFICAÇÃO, 2008; BALADELI, ALTOÉ, 2009; PAIVA, 2010) utilizar pedagogicamente a Internet requer o interesse do professor e a adaptação do currículo para que desenvolva uma prática reflexiva e coerente com o modelo de educação que realiza. Assim, acreditamos que o caminho para uma mudança de paradigma na educação para o uso de tecnologias perpassa a questão da formação de professores para que este tenha condições de vivenciar situações teórico-práticas com o computador e a Internet.

2 Uma pesquisa-ação com professores

Diante do exposto, apresentamos um recorte de dissertação de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Maringá sob a orientação da profa. Dra. Anair Altoé. A pesquisa-ação teve como sujeitos um grupo de professores de Língua Inglesa da cidade de Cascavel-PR e como objetivo a formação continuada para o uso pedagógico da Internet. A implementação dessa pesquisa foi possível com a realização de um curso de extensão avaliado e aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá. Ao longo da revisão da literatura concluiu-se a necessidade em formar o professor para a atuação com tecnologias possibilitando-lhe o acesso ao conhecimento teórico-prático. Nossa análise foi norteada pela questão - *É possível criar um espaço colaborativo para professores de Língua Inglesa para o estudo e a pesquisa das potencialidades da Internet no ensino e na aprendizagem desse idioma?*

Por meio da intervenção organizada em 05 encontros totalizando 40h, o curso foi realizado entre Agosto e Setembro de 2008 no laboratório de informática de uma escola pública da cidade e com ele objetivou-se: (i) problematizar o uso da Internet na sala de aula de Língua Inglesa; (ii) analisar as concepções pedagógicas dos professores no que se refere o uso da Internet no ensino do idioma e (iii) favorecer a construção de uma prática reflexiva com o uso pedagógico da Internet.

Conforme Thiollent (2002) uma pesquisa-ação oferece ao pesquisador maior flexibilidade na formulação de hipóteses, haja vista que as hipóteses são construídas ao longo da pesquisa sendo passíveis de reformulações. Assim, propomos um curso de extensão intitulado *Limitações e contribuições do uso da Internet no ensino e aprendizagem de Língua Inglesa* que contou com uma população total de 24 professores do Núcleo Regional de Educação, sendo destes, 17 nossa população de pesquisa.

2.1. As ações pedagógicas presenciais

As atividades realizadas foram denominadas de ações pedagógicas cujo propósito foi o de favorecer a população de pesquisa o acesso ao conhecimento teórico-prático sobre o uso da Internet no ensino e na aprendizagem de Língua Inglesa. Conforme (PAPERT, 1988; VALENTE, 1999; 2002; ALTOÉ, 2001; PAIVA, 2010) o professor que tiver acesso a alternativas metodológicas subsidiado teoricamente terá mais condições de construir conhecimento com tecnologias. Diante disso, as ações presenciais realizadas no laboratório de informática contemplaram a leitura de textos e artigos que abordaram; os aspectos históricos da informática na educação; as concepções pedagógicas com tecnologias; as análises de sites específicos para o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa; o hipertexto e a leitura em ambiente virtual. Paralelo a essas ações foram propostas atividades de pesquisa e a elaboração de material para o ensino de Língua Inglesa com recursos da *web*. Essas ações foram mediadas pela ferramenta e-grupo.

2.1.1. O e-grupo nas ações pedagógicas a distância

A criação do e-grupo do curso – *englishteacher_internet* no portal *Yahoo* atendeu à necessidade de criar um espaço colaborativo na Internet para a informação e a comunicação entre os colaboradores da pesquisa, para isso, todos criaram uma conta de e-mail no portal *Yahoo*. Segundo Mendes Neto (2000) a ferramenta e-grupo possibilita a informação, a interação e a comunicação de seus usuários, por essa razão, representa uma ferramenta interessante para a realização de projetos colaborativos.

No e-grupo foram realizadas ações quais sejam: *download* de arquivos, acesso a todos os materiais utilizados ao longo do curso (textos, slides, atividades) além do que favoreceu a participação dos colaboradores via resposta nas diferentes enquetes disponibilizadas na ferramenta. Essa ferramenta colaborativa permitiu o armazenamento de dados; a elaboração de enquetes e a interação entre todos do grupo via e-mail. Além do portal *Yahoo*, é possível criar um e-grupo em outros portais quais sejam; <http://www.egrupos.net/groups> (*site* em espanhol), <http://www.grupos.com.br> e <http://groups.google.com.br> (ambos em português).

Segundo Mendes Neto (2000) um e-grupo consiste em um ambiente colaborativo profícuo para a aprendizagem com base nos conteúdos disponíveis na Internet. No contexto dessa pesquisa, o e-grupo cumpriu a dupla função de representar a ferramenta de interação ao longo do curso e de favorecer o processo de coleta de dados da pesquisa.

Conforme a figura 1 da página inicial do e-grupo o menu da ferramenta apresentava as seguintes opções; mensagens, arquivos, fotos, *links*, banco de dados, enquetes e associados. Por opção da moderadora do e-grupo, diante da dificuldade de grande parte dos colaboradores em navegar pela ferramenta durante o curso apenas o *download* de conteúdos foi liberado, esta restrição no entanto foi retirada ao término do curso sendo possível então *upload* e *download*. Os encaminhamentos para as atividades para navegação e análise crítica dos sites específicos foram disponibilizadas na ferramenta banco de dados. Antes, porém, de qualquer atividade prática na Internet foram propostas leituras analíticas e debates sobre os textos lidos. Só então, cumprida esta primeira etapa os colaboradores realizavam a prática acessando mais informações sobre o tema debatido e articulando com os sites navegados. Ainda que uma versão de comunicação síncrona estivesse disponível em forma de *chat* no e-grupo, o correio eletrônico representou a ferramenta para a interação entre os colaboradores.

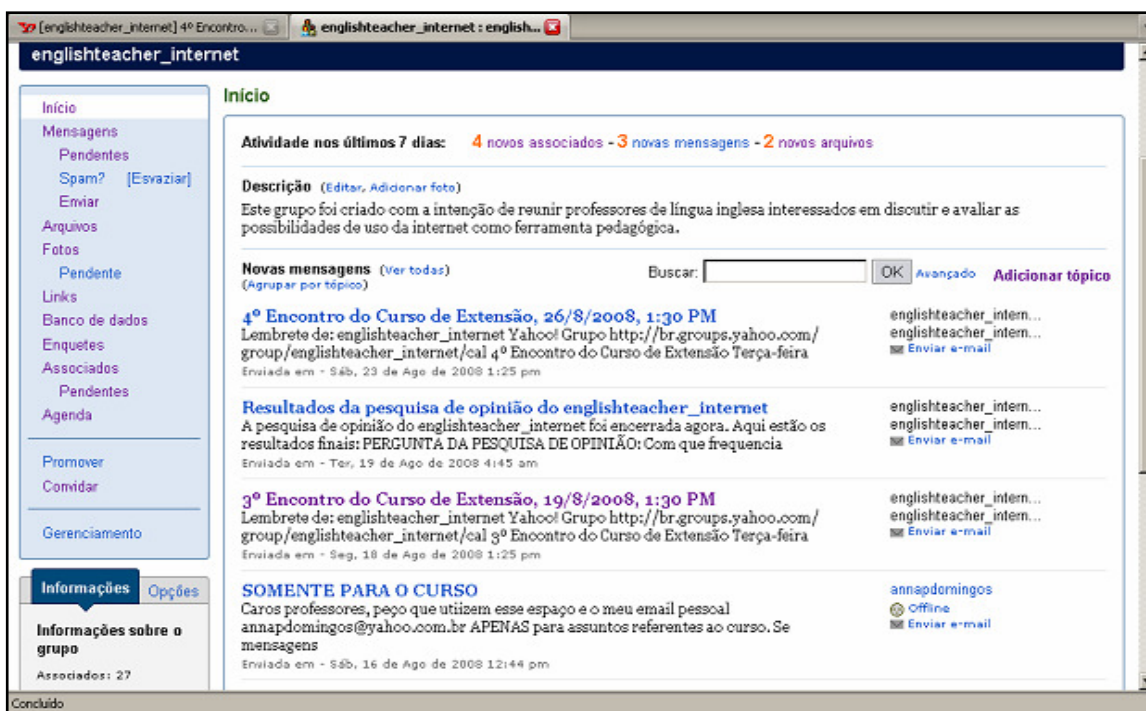


Figura 1. Página inicial do englishteacher_internet.

No e-grupo a opção enquete se destacou para a coleta de dados dos colaboradores uma vez que estas puderam ser respondidas anonimamente. Toda enquete consistiu num conjunto de perguntas de múltipla escolha que possibilitaram conhecer a relação dos colaboradores com a Internet. Lembramos que nossa população do curso foi composta por 24 professores e a população de pesquisa por 17, no entanto, todas as respostas de

enquetes foram analisadas já que o e-grupo foi publicado na *web* após o término do curso e todas as ações ficaram disponíveis mediante a autorização dos 24 professores do curso. As enquetes representaram mais um instrumento para coleta de dados que nos possibilitaram conhecer as opiniões e os conhecimentos prévios dos professores sobre a Internet.

Apresentamos agora os resultados de 03 enquetes criadas no e-grupo sendo o objetivo da primeira conhecer a frequência com que os colaboradores utilizavam o computador e a Internet. Entre as opções de respostas; sempre, não utilizo, nunca, às vezes, das 15 respostas, 10 colaboradores indicaram que sempre utilizam a Internet (aproximadamente 67%); 01 indicou que não utiliza (aproximadamente 6%), 04 indicaram que utilizam às vezes (aproximadamente 27%).

Na segunda enquete objetivamos conhecer o uso que os colaboradores faziam da Internet, a partir das seguintes opções; comunicação, entretenimento, trabalho e não utilizo, no total de 19 respostas, 04 colaboradores responderam que utilizam a Internet para a comunicação (21%), 14 responderam que utilizam para o trabalho (73%) e 01 colaborador respondeu que não utiliza a Internet, dado que representa (5%) do total das respostas.

Por fim, na terceira enquete, solicitamos o que precisaria ocorrer para melhorar a relação informática e educação, esta enquete obteve o total de 11 respostas que se dividiram entre as seguintes opções: mais interesse dos professores; mais cursos na área; mais investimentos nas escolas; mais projetos de inclusão digital; mais incentivo aos professores; reformulação dos cursos de formação; mais investimento do governo; mais pesquisa sobre o tema. Assim, 01 respondeu que deve haver mais interesse dos professores (9%), 05 indicaram a falta de cursos na área (45%), 01 respondeu que deveria haver mais projetos de inclusão digital (9%), 02 optaram por mais incentivo aos professores para utilizarem a informática (18%), 01 apontou a necessidade de reformulação nos cursos de formação (9%) e 01 indicou que deveria haver mais pesquisas sobre o tema, o que equivale a (9%) do total das respostas.

Ao longo das ações presenciais foram também coletados dados via Instrumento de coleta de dado (doravante IC) em que os colaboradores expressaram por escrito outros aspectos não contemplados nas enquetes do e-grupo. Selecionamos uma questão em que os colaboradores, apenas a população de pesquisa (identificada aqui numericamente) revela suas impressões sobre o uso da ferramenta e-grupo.

Você já havia utilizado a ferramenta e-grupo do *Yahoo*? Comente a sua experiência na utilização do e-grupo: *englishteacher_internet*.

Não, a utilização dessa ferramenta se apresentou como um meio eficaz de se compartilhar conhecimentos contribuindo para um melhor aproveitamento da Internet como ferramenta pedagógica (colaborador 01).

Foi a primeira vez que utilizei o e-grupo, é um recurso interessante para compartilhar conhecimento e experiência (colaborador 02).

Não. Gostei bastante de haver participado e espero continuar (colaborador 03).

Ainda não. Porém, gostei muito, por ser uma ferramenta coletiva para uso compartilhado de informações (colaborador 04).

Não. Na verdade eu não conhecia este tipo de recurso e não tinha conhecimento sobre o seu uso antes do curso. É uma importante ferramenta, pois possibilita o intercâmbio entre os membros com um objetivo comum (colaborador 05).

Não. Achei muito prático. Gostaria de ter mais tempo para fazer vários grupos (colaborador 06).

Diante disso, é possível inferir que os colaboradores não apresentavam conhecimento prévio sobre a ferramenta e-grupo dado que foi diagnosticado nas dificuldades de navegação pelo menu e durante a realização das atividades de pesquisa na *web*. Outro ponto a ser destacado se refere à própria utilização do e-mail como meio de contato ainda pouco utilizado por uma parcela significativa dos colaboradores que encontraram dificuldades em baixar os arquivos para leitura prévia ao longo dos encontros.

Conforme os dados revelaram nessa pesquisa com um grupo de 17 professores colaboradores, o computador e a Internet não estão sendo analisados como ferramentas potencializadoras da aprendizagem. Talvez pelo fato de que de um lado propaga-se no ambiente escolar uma falsa ideia salvacionista em relação à tecnologia, enquanto que por outro, o enfoque está no investimento em infra-estrutura e na aquisição de equipamentos, ambas as situações desconsideram o emergente investimento na formação dos professores para atuação com tecnologias.

Ao longo das ações pedagógicas constatou-se infelizmente que embora as escolas estaduais da cidade de Cascavel já disponham de laboratório de informática poucas são as propostas de articulação entre o uso deste espaço e a aprendizagem de conteúdos das diferentes disciplinas escolares. Isso ocorre, porque o laboratório de informática ainda não é reconhecido pela comunidade escolar como um espaço para a aprendizagem que pode contribuir para a construção de conhecimento não só de aprendizes como também de professores. Nas escolas o que se observa é que quando utilizado, o laboratório cumpre a função de abrigar turmas com aulas vagas (na falta de professores), ou ainda para atividades de pesquisa no *Google* sem um planejamento ou metodologia adequada que oriente os aprendizes nessa atividade.

3. Algumas reflexões

Nossa pesquisa sinalizou a emergência de formação dos professores para ampliar o conhecimento deste acerca do que é possível fazer com o computador e a Internet na sua

área de atuação. Acreditamos que a inserção da Internet no processo de ensino e aprendizagem de Língua Inglesa favorece o desenvolvimento da autonomia do aprendiz, além do que aproxima o aprendiz do idioma por meio de vídeos, jogos, comunicação síncrona que possibilitam o contato com o idioma em situações reais de uso ampliando o seu vocabulário e seu conhecimento cultural sobre o idioma. Pode-se ainda inferir que a contribuição do uso dos recursos da *web* na educação está na superação da perspectiva de educação de transmissão de conhecimento uma vez que, tanto o professor quanto o aprendiz encontram-se no mesmo lado, ambos construindo conhecimento sobre algo ainda a ser desvelado pela escola.

Nesse cenário, a formação de professores para atuação com informática precisa estar fundamentada em ações que possibilitem a articulação do conhecimento teórico-prático por meio de espaços colaborativos em que junto com seus pares os professores vislumbrem alternativas metodológicas que melhor se adaptam ao contexto em que atuam. Isso significa dizer que o professor terá mais condições de atuar criticamente com tecnologias na medida em que participar de espaços formativos que lhe possibilite a prática com tecnologia articulada à reflexão sobre sua prática pedagógica.

Referências

ALTOÉ, A., A gênese da informática na educação em um curso de pedagogia: ação e mudança da prática pedagógica. “tese de doutorado em Educação: Currículo”, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

BALADELI, A. P. D., ALTOÉ, A. “A Internet como ferramenta pedagógica no ensino e aprendizagem de Língua Inglesa”. Revista Línguas e letras, Vol. 10, No, 18. 1 semestre, 2009. p.171-185.

BRAGA, D., Relatos de experiência de ensino e aprendizagem de línguas na Internet. Cap. 06, Mercado de Letras, Campinas, 2004, p. 157-184.

BRITO, G. S.; PURIFICAÇÃO, I., Educação e novas tecnologias. 2 ed. Curitiba: Ibplex, 2008.

MENDES NETO, F. M., E-grupo: um ambiente para suporte à aprendizagem colaborativa baseada na web. “dissertação de mestrado em Informática”, Universidade Federal da Paraíba, Campinas Grande, 2000.

PAIVA, V. L. M. O., “A WWW e o ensino de Inglês”. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Vol.1, No.1, 2001. p. 93-116.

PAIVA, V.L.M. O., “Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente”. <http://www.veramenezes.com/endipe.pdf> 07/2011/29.

PAPERT, S., A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática. Tradução Sandra Costa. Edição Revisada. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PAPERT, S., Logo: computadores e educação. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Estrangeira Moderna. Curitiba, PR: SEED, 2008.

SALLES, M. R.; GIMENEZ, T., “Ensino de inglês como língua franca: uma reflexão”. Belt Journal, Porto Alegre, Vol. 1, No. 1, Janeiro/julho, 2000. p. 26-33.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VALENTE, J. A., O computador na sociedade do conhecimento. Cap. 04, Unicamp/NIED, Campinas, 1999. p. 89-99.

VALENTE, J. A. “Uso da Internet em sala de aula”. Educar em Revista, Vol. 19, 2002. 131-146.